
O PATRIMÔNIO

CEMITERIAL

DO MUNICÍPIO

DE CACHOEIRA,

RECÔNCAVO DA BAHIA*

FABIANA COMERLATO**

Resumo: *o objetivo deste texto é ressaltar a importância dos antigos cemitérios da cidade histórica de Cachoeira, como repositórios de memórias coletivas e como espaços de herança patrimonial no âmbito do Recôncavo da Bahia. Neste estudo iremos analisar os cemitérios da Piedade, dos Alemães, da Ordem Terceira do Carmo e dos Nagôs, sob a perspectiva patrimonial.*

Palavras-chave: *Cemitério. Patrimônio. Recôncavo.*

Este texto é fruto dos resultados preliminares do projeto de pesquisa “Os cemitérios de Cachoeira e São Félix: identificação, análise e preservação”², em desenvolvimento pelo grupo de pesquisa Recôncavo Arqueológico no âmbito da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. O município de Cachoeira é um excelente recorte geográfico de pesquisa para a temática cemiterial, por contemplar cemitérios bastante antigos e de diferentes tipologias e origens, em seu distrito sede bem como nas zonas rurais.

* Recebido em: 27.11.2012.

Aprovado em: 28.03.2013. Integraram este projeto os alunos bolsistas: Aline de Souza Gomes (PROPAAE/UFRB), Menderson Correia Bulcão (PIBIC/UFRB), Renata Ramos dos Santos (PIBIC/UFRB), Naiara Lima Conceição (PROPAAE/UFRB), Riane de Castro Ramos Souza (PROPAAE/UFRB) e George Silva do Nascimento (PROPAAE/UFRB).

** Professora Adjunta da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Graduada em História pela Universidade Federal de Santa Catarina. Mestre e Doutorado em História, área de concentração Arqueologia, pela Pontifícia Universidade Católica do Rio Grande do Sul. Pós-doutorado em Ciências Sociais pela Universidade Federal da Bahia. Professora do Centro de Artes, Humanidades e Letras da Universidade Federal do Recôncavo da Bahia. Líder do grupo de pesquisas Recôncavo Arqueológico (www.ufrb.edu.br/reconcavoarqueologico). Membro efetivo das seguintes associações: Associação Brasileira de Arte Rupestre, Sociedade de Arqueologia Brasileira, Associação Brasileira de Antropologia, Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais e Conselho Internacional de Museus. E-mail: fabilato@gmail.com.

O núcleo histórico de Cachoeira cresceu à margem esquerda do rio Paraguaçu em seu último ponto navegável. Historicamente, Cachoeira assume importância econômica com a lavoura canavieira e fumageira voltada ao mercado externo, política como caminho entre o litoral e os sertões e sociocultural com destaque para às tradições afro-brasileiras (ANDRADE, 2011, p. 5-6). A vila de Nossa Senhora do Rosário do Porto da Cachoeira obteve ainda o título de Cidade Heroica em 1837, por sua importante participação nas lutas de independência do Brasil, vindo a se transformar em cidade (FERREIRA, 1958, p. 98). Hoje, Cachoeira destaca-se regionalmente como centro econômico pelas suas atividades comerciais, pela intensa vida social com um calendário de festas profanas e religiosas, e, esboça suas primeiras transformações como cidade de vocação universitária.

Os espaços de finitude da vida nesta parte do Recôncavo Sul refletem a opulência dos senhores de engenho e comerciantes abastados, bem como a diversidade religiosa oriundas das matrizes africana e europeia. Inicialmente, a escolha para a localização destes espaços se deu do lado oposto à malha urbana de Cachoeira, que se projeta nuclearmente a leste a partir do século XVII. Este padrão de cemitérios ordenados, moralizantes e distantes das urbes é verificado em várias cidades brasileiras, reflexo da mentalidade vigente do século XIX com uma intensa “vigilância auditiva e olfativa” (RODRIGUES, 1997, p. 59-67).

O município de Cachoeira possui um relevante acervo dedicado às práticas mortuárias no interior de templos, a exemplo: das lápides policromadas da Igreja da Ordem Terceira do Carmo; das lápides sepulcrais de Antônio de Aragão Menezes e esposa (s/d), Pe. Alexandre de Gusmão (1724) e sem. José Garcia de Aragão (1722), assentadas no Seminário de Belém de Cachoeira (BAHIA, 1978; SOUZA, 1972-75, p. 10-11). Ainda conta com as lápides sepulcrais do coronel Manoel de Araújo Aragão (s/d), de Maria Adorno Brites da Rocha Pita (1778) e do coronel Rodrigo Antônio Falcão Brandão, barão de Belém (1855) na igreja do Convento de Santo Antônio do Paraguaçu (FLEXOR, 2010, p. 63).

Ultrapassando os limites dos templos, como meta inicial para o projeto, delimitamos nosso objeto de estudo aos cemitérios localizados nos distritos sede, conhecidos por sua importância histórica e por sua relação com a organicidade urbana de Cachoeira, são eles: o Cemitério da Piedade da Cachoeira do Paraguassu (1868), o Cemitério dos Alemães (1887), o Cemitério da Ordem Terceira do Carmo (1892) e o Cemitério dos Nagôs (1874). Cabe ressaltar, que estes cemitérios estão inseridos na poligonal de proteção ao núcleo urbano, através do tombamento como Cidade Monumento Nacional pelo Decreto n. 68.045 de 13 de janeiro de 1972.

O projeto agrega em seu aporte teórico-metodológico uma perspectiva interdisciplinar entre os vários campos do conhecimento, como a arqueologia, história da arte, arquitetura, museologia e antropologia. Quanto à metodologia da pesquisa, a mesma foi estruturada em quatro grandes momentos distintos: 1) apreciação da documentação escrita (primária e secundária) e iconográfica; 2) delineamento dos aportes teóricos metodológicos; 3) realização do trabalho de campo; 4) tratamento, análise e interpretação das diversas fontes documentais: oral, escrita, material e iconográfica.

A primeira etapa consiste no fichamento e sistematização dos dados da documentação escrita secundária. O procedimento a ser adotado consiste na seleção das obras de cunho temático e teórico-metodológico a serem pesquisados, sendo realizada uma leitura dirigida e anotações para a execução das análises posteriores. Com exceção

da obra de Clarival do Prado Valladares (1972), não existe bibliografia específica sobre os cemitérios da área em estudo, sendo que a maioria das informações disponíveis são oriundas da coleta de dados em campo. Quanto à documentação primária está em curso o levantamento de referências em antigos jornais de circulação local, acervos fotográficos particulares e dos arquivos municipais, livros de registros de óbito e de obras públicas dentre outros.

A realização dos trabalhos de campo compreende o levantamento das características gerais de cada cemitério e o levantamento de informações específicas de cada sepultura através da metodologia aplicada na arqueologia histórica. Os trabalhos *in situ* consistem em: 1) levantamento das estruturas, 2) registro das mesmas em fichas específicas 3) registro fotográfico das evidências materiais e do entorno. A estratégia em campo tem como princípio a intervenção mínima durante o reconhecimento, o registro e a análise de estruturas dos sítios pesquisados sem proceder às escavações; realiza-se a supressão da vegetação arbustiva e de gramíneas junto às estruturas aparentes.

A prospecção não interventiva do terreno é um método com baixo impacto na constituição física do sítio e que possibilita uma otimização dos resultados. Este método pode ser aplicado no diagnóstico da potencialidade de áreas para escavação ou pode ser adotado isoladamente. A tendência atual é a ampliação das pesquisas arqueológicas com esta metodologia de reconhecimento superficial não destrutiva. Também é conhecido na literatura arqueológica, como *archaeology fieldwork*: o exame e registro de remanescentes materiais da atividade humana passada sem escavação, através da observação superficial do solo (BROWN, 1987, p. 9).

Os dados gerais dos cemitérios documentados abrangem as seguintes informações: localização, tamanho, relações intrasítio, administração, data de fundação, estado de conservação, volumetria, número de sepulturas e delimitação. Usualmente, em sítios, de tipo cemitério, são encontradas estruturas na forma de sepulturas, das quais observamos os seguintes itens: arquitetura funerária, materiais de acabamento ou construtivos, tipos de sepultamentos, composição dos sepultamentos e ornamentos (CASTRO, 2008, p. 25-7).

Além destes dados, está em curso o registro das características dos símbolos decorativos, tendo como referência a metodologia proposta elaborada por Tânia Andrade Lima (1994). Portanto, a tipologia dos ornamentos seguiu a seguinte classificação: signos antropomorfos, signos zoomorfos, signos fitomorfos, signos ligados ao fogo, signos de nobreza ou distinção social, signos geométricos e objetos.

No que compete à preservação, temos o interesse em diagnosticar os problemas de conservação dos cemitérios pesquisados e as políticas e ações de preservação conferidas a este patrimônio. No caso do reconhecimento de patologias nas sepulturas, procedemos à documentação do estado de conservação e dos agentes de alteração, tendo como base o glossário do ISCS-ICOMOS (2008). Os agentes de alteração foram classificados em físico-químicos, biológicos e de origem antrópica. Para a reflexão das ações preservacionistas, procederemos à análise de documentos de base legal, relatórios e informes dos órgãos que tutelam a proteção do patrimônio cultural (Instituto do Patrimônio Artístico e Cultural da Bahia e Instituto do Patrimônio Histórico e Artístico Nacional).

Para a análise dos dados, as informações coletadas estarão organizadas e digitalizadas em um banco de dados específico. A informatização da documentação corroborará para a interpretação e sistematização das características observadas nas ati-

vidades de campo. Em uma mesma base digital estarão reunidos os dados textuais, numéricos e iconográficos.

Por fim, as informações das diferentes fontes documentais escrita, oral, iconográfica, material serão organizadas sistematicamente, analisadas de maneira integrada e interpretadas visando estabelecer um quadro informativo consistente sobre os cemitérios e sua relação na paisagem e com as comunidades locais.

Tendo esta base teórico-metodológica como parâmetro para a execução da pesquisa, realizamos um levantamento preliminar dos cemitérios históricos do distrito sede de Cachoeira, no intuito de conhecermos as características e história de cada campo santo. Do ponto de vista da localização geográfica todos os cemitérios estão no setor oeste da cidade, do lado oposto à instalação do primeiro núcleo inicial. Hoje, com o crescimento urbano os cemitérios estão dentro da malha urbana de Cachoeira.

CEMITÉRIO DA PIEDADE

O cemitério da Piedade é murado em área plana e baixa na zona urbana de Cachoeira. Este cemitério também é conhecido como cemitério da Santa Casa de Misericórdia. A construção deste cemitério foi aprovada pela mesa administrativa da Santa Casa após compra de um terreno que já era usado para esta finalidade, pois viria a ser uma importante verba de receita para o hospital¹. O terreno e benfeitorias de propriedade de Rufo da Conceição Pitta Lima e D. Augusta Miguelina Bastos d'Almeida foi adquirido pela Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira em 1866². O projeto do cemitério foi realizado pelo Engenheiro Doutor Trajano da Silva Rêgo³.

Em 16 de fevereiro de 1868, foi lançada a primeira pedra de mármore em ato público e solene na presença de autoridades, irmãos, mesa administrativa e clero local³. A capela deste cemitério, que se avista logo na sua entrada, tem sua construção entre os anos de 1881 e 1886, sob a assistência do Visconde de Paranaguá (SILVA, 1938, p. 348). A conclusão das obras do cemitério somente se dará em 1890 com a celebração do novo santuário pelo vigário Heraclio Mendes da Costa (SILVA, 1938, p. 348).

No levantamento em campo foi possível identificar suas principais características construtivas. Na sua entrada possui portão de acesso de duas folhas arrematado com um gradil em arco pleno com data de 1874 (Figura 1). O cemitério é composto por três patamares com um caminho principal que dá acesso a uma capela central sob a devoção de Nossa Senhora da Piedade, dividindo este primeiro patamar em dois setores. O cemitério é ladeado por 102 carneiras com sepultamentos em alas organizados por irmandades (Santíssimo Sacramento, Martírios, Paciência, Nossa Senhora da Ajuda), ao centro apresenta túmulos e mausoléus (VALLADARES, 1972, p. 1260). Sob o ponto de vista artístico, chama a atenção o catafalco no interior da capela e uma escultura funerária de pranteadora (Figura 2).

O último patamar apresenta chão batido com cova simples, local onde são enterrados praticantes do candomblé (Figuras 3 e 4). Atualmente, as exumações são feitas ao ar livre nos fundos do cemitério oferecendo séria ameaça de contaminação do ar e do solo, pois são realizadas cremações a céu aberto. O cemitério está em uma zona urbana periférica que nas últimas cinco décadas vêm sofrendo com uma ocupação desordenada, ameaçado a relação paisagística do bem e ao mesmo tempo oferecendo risco à saúde dos moradores contíguos.



Figura 1: Portão de entrada do Cemitério da Piedade
Nota: foto de Fabiana Comerlato, 26/08/2009.



Figura 2: Túmulo de Aristides Milton Mascarenhas, de autoria de Paulo Herold, construído pela Santa Casa de Misericórdia.
Nota: foto de Fabiana Comerlato, 26/08/2009

A partir de uma contagem geral foram contabilizadas cerca de 920 sepulturas de diferentes categorias, que equivalem a aproximadamente 3.000 sepultados, sendo a sepultura mais antiga datada de 1893. Em relação aos aspectos de conservação das sepulturas o local sofre com excessiva umidade; o cemitério dos quatro existentes na zona urbana de Cachoeira é o único que está em uma área de baixada e recebe o escoamento da drenagem das elevações que o circundam, além de possuir uma fonte d'água em seu interior. Do ponto de vista paisagístico, é o único local de Cachoeira que mantém palmeiras imperiais. Hoje, funciona como cemitério municipal de Cachoeira, em suas redondezas foi construído prédio que abriga o velório municipal.



Figura 3: Ritos fúnebres em sepultura de falecido praticante de candomblé.
Nota: Fabiana Comerlato, 02/11/2013.



Figura 4: Sepultura de um ogan, filho de Abaluaê.
Nota: Fabiana Comerlato, 23/03/2013.

CEMITÉRIO DOS ALEMÃES

O Cemitério dos Alemães, situado em área colinar, na zona urbana de Cachoeira, na Rua André Rebouças, também conhecida como Rua Stela, via que dá acesso ao bairro do Morumbi. Trata-se de um pequeno cemitério murado, com túmulos em alvenaria, destacando-se a arte dos gradis como elemento decorativo. Na entrada, como estrutura remanescente existem quatro colunas em ferro fundido que originalmente sustentavam um telhado de duas águas (Figura 5). A entrada é dotada de um pórtico de envasadura ogival fechada por um gradil em serralheria de ferro de duas folhas. No topo do gradil está indicada a data de 1887, porém ainda não existe um consenso sobre sua data de fundação.

O cemitério foi construído para sepultar os protestantes e outros não católicos de origem europeia. Estes imigrantes de origem alemã, inglesa e suíça foram atraídos para a região no último quartel do século XIX com a expansão da malha férrea e a industrialização do fumo. Este cemitério apresenta características comuns a outros cemitérios de origem teuto-alemã, como elencado por Trilha Castro (2010, p. 39-40).

No levantamento de campo, conseguimos registrar 41 sepulturas dispostas em dois caminhos ladeados por trilhos de trem, tendo ainda uma parte do terreno destinada aos sepultamentos de menores. Os túmulos foram ornados com diferentes cruzes – celta, trilobada, latina, fincada em montículo de pedras com pergaminho – e com entalhes de ornatos florais nas lápides. Recentemente, foi registrado como sítio arqueológico através do projeto de pesquisa “Mapeamento de Sítios Arqueológicos: municípios de Cachoeira e São Félix” (FERNANDES, 2010, p. 54-55). A situação deste cemitério é bastante crítica, todo o interior do cemitério está coberto por vegetação arbustiva e rasteira em completo abandono. Os gradis das sepulturas estão sendo sistematicamente furtados, além de ser utilizado como esconderijo de meliantes e, portanto, espaço evitado pela comunidade do entorno (Figura 6).



Figura 5: Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 1975

Nota: acervo pessoal de Mônica Schramm.



Figura 6. Portada de acesso do Cemitério dos Alemães em 2011

Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.

CEMITÉRIO DA ORDEM TERCEIRA DO CARMO

O Cemitério da Ordem 3ª do Carmo está situado em área elevada (Monte Formoso) da zona urbana com uma capela ao centro. O cemitério teve sua construção iniciada em 1892 pelo Conselho Municipal da cidade⁴. A entrada é composta de portão metálico com arco pleno ornamentado com uma cruz ao centro e estrelas em forma de brasão. Havia duas palmeiras imperiais a frente do portão, registradas em fotografia panorâmica da cidade, datada de meados do século XX (BARBOSA, 2011, p. 33) e em foto de 1942 do Arquivo Central do IPHAN (Figura 7). Pelas fotografias históricas percebe-se que a comunidade vem a fixar residência no entorno deste cemitério somente na última metade do século XX.

Apresenta acesso central em alvenaria com revestimento em ladrilho hidráulico, culminando em uma escada até a altura da capela. Do lado direito da mesma apresenta dois túmulos com alegorias e há um grande bloco de carneiras em três níveis sobrepostos. Do lado esquerdo apresenta três túmulos de grande porte. Apresenta dois exemplares de arte funerária que merecem atenção, ambas são representações da Alegoria da Esperança.

A partir de uma contagem geral foram contabilizados aproximadamente 65 sepultamentos, a maioria destes em carneiras. Acompanham as sepulturas, anjos, alegorias, cruzes e símbolos decorativos; sendo a mais antiga datada de 1901. Recentemente, foi registrado como sítio arqueológico através do projeto de pesquisa “Mapeamento de Sítios Arqueológicos: municípios de Cachoeira e São Félix” (FERNANDES, 2010, p. 55-56).

Após longo período em estado de abandono com vegetação cobrindo as sepulturas, seu portão de entrada e muros laterais em risco de desabamento, estava sendo usado como local para atividades ilícitas, à exemplo do uso de drogas e ações de vandalismo (Figura 8). Atualmente, o cemitério passa por intervenções de conservação e restauro pelo Programa Monumenta.



Figura 7: Cemitério do Carmo. Foto: Pinheiro, 1942

Fonte: Arquivo Central do IPHAN - Seção Rio de Janeiro.

Figura 8: Cemitério do Carmo na atualidade
Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.

CEMITÉRIO DOS NAGÔS

O Cemitério dos Nagôs, situado em uma colina denominada de Monte Formoso, está localizado na lateral da Capela do Rosarinho fundada em 1864 pela Irmandade de Nossa Senhora do Rosário do Sagrado Coração de Maria. Dez anos depois, foi construído o cemitério para dar sepultamento às lideranças políticas e religiosas de origem africana (RODRIGUES, 2010, p. 21). O cemitério dos africanos apresenta um portão de ferro que dá acesso ao patamar superior, este setor dispõe de sepultamentos de africanos e de uma ialorixá, que conferem certa singularidade ao espaço. É sabida sua relação com o candomblé, visto ter em suas imediações três terreiros. No segundo patamar, estão presentes túmulos com ornamentos – a exemplo de pináculo, coluna e uma escultura da Alegoria da Fé (Figuras 9 e 10).

Ao fundo, estão localizadas carneiras de alvenaria cobertas por telhado de telhit, em seu frontão apresenta as seguintes inscrições: N.S.R.S., o desenho de um coração, MMF e a data de 1927. Estas siglas fazem menção a Nossa Senhora do Rosário do Coração de Maria do Monte Formoso. No momento, as carneiras ainda não receberam nenhum sepultado.

No campo das políticas de preservação, o Cemitério dos Nagôs foi contemplado pelas ações do Programa Monumenta em 2006, a partir da reivindicação da comunidade negra de Cachoeira (RODRIGUES, 2010, p. 169). Este cemitério é mantido permanentemente fechado ao público o que acaba por gerar um distanciamento da comunidade. Não existe uma gestão deste espaço que venha a agregar medidas de conservação com ações de educação patrimonial, em um processo de inclusão deste patrimônio a dinâmica social.



Figura 9. Vista parcial do Cemitério dos Nagôs. Nota: foto de Fabiana Comerlato, 24/09/2010.



Figura 10: Parte superior da escultura alegórica da fé. Nota: foto de Menderson Correia Bulcão, 01/11/2010.

RESULTADOS PRELIMINARES

Os resultados esperados pelo projeto almejam de certa forma servir como subsídio para ações preservacionistas nestes cemitérios. A pesquisa em sua fase conclusiva permitirá a recuperação de informações referentes ao patrimônio cemiterial de Cachoeira que por ora estão dispersas, descontextualizadas ou inacessíveis e a geração de um corpus documental que reúna informações de natureza diversa (textual, imagética, informações orais) em um banco de dados.

A pesquisa traz a perspectiva dos cemitérios como repositórios de memórias coletivas, que evoca a memória dos abastados quando do estudo dos monumentos de arte funerária. Como aponta Mendes (2007, p. 52),

[...] no estudo dos túmulos, lápides e mausoléus, dos estilos artísticos, das formas que as pedras tomam para dizer da saudade, da dor e da ostentação, estão impressas características de monumentalidade. Esse tipo de investimento visa perpetuar a memória de certas famílias e do poder que detêm.

Contudo, também vem à tona a memória dos praticantes das religiões afro-brasileiras e suas práticas de enterramento, sendo uma temática interessante ao estudo cemiterial, em especial nesta região da Bahia. As práticas religiosas neopentecostais, católicas, espíritas e afro-brasileiras revelam um pluralismo religioso dentro dos cemitérios, como espaço de ritualização da morte pelos vivos.

O impacto da pesquisa na comunidade está em lançar um chamamento para a importância dos cemitérios na dinâmica social, estimulando a retomada dos moradores aos cemitérios e dos proprietários dos túmulos com a meta de zelar sobre estes espaços de ritos e guarda dos mortos. Como bem observa Valladares (1973, p. 11): “Para os cemitérios brasileiros não há perpetuidade perpétua, mas vigiada”. Portanto, deve ser contínuo o estímulo a vigilância permanente dos herdeiros, quando estes não se fazem mais presentes o cabido na responsabilidade de preservação deve retornar a sociedade civil organizada e aos órgãos públicos competentes. Em alguns casos em que os cemitérios estão abandonados esta retomada rumo à preservação traria benefícios as comunidades locais, bem como, se poderia pensar no aproveitamento turístico destes espaços e o estreitamento dos vínculos de pertencimento. Neste sentido, aliado aos trabalhos de restauração deve-se associar um programa de educação patrimonial com os moradores do entorno dos cemitérios de Cachoeira.

Portanto, seria fundamental a musealização dos cemitérios com foco no desenvolvimento de ações educativas e na perspectiva de fomento do turismo cultural nestes espaços cachoeiranos como alternativa a preservação deste patrimônio cultural. O turismo cemiterial já bem consolidado em países vizinhos a exemplo do Cemitério São Pedro em Medellín (Colômbia), o Cemitério Presbiteriano Maestro em Lima (Peru) e o Cemitério da Recoleta em Buenos Aires (Argentina), que oferecem uma experiência museológica ao visitante (REZENDE, 2007, p. 91-2). Na capital baiana, o Circuito Cultural do Campo Santo valoriza os elementos históricos e artísticos deste cemitério como museu a céu aberto (COSTA, s/d). Estes cemitérios da Bahia, incluindo o Cemitério de Mucugê, tem grande potencial educativo e turístico podendo fazer parte de um itinerário cultural específico, como a Rota de Cemitérios Patrimoniais da América Latina (VELÁSQUEZ PARRA *et al.*, 2011).

Complementarmente, faz-se necessária maior expressividade dos estudos cemiteriais sob a ótica científica. Os cemitérios ainda são lugares vistos com certa restrição e interdição, até mesmo pela academia. Os pesquisadores dos temas ligados à morte frequentemente se deparam com o espanto, o medo e o estranhamento que suas pesquisas suscitam (CASTRO, 2011, p. 10-2). Isto é perceptível numericamente, durante 25 anos foram defendidas pouco mais de 30 dissertações e teses ligadas a temática cemiterial nos mais variados programas de pós-graduação no Brasil (BORGES *et al.*, 2010).

Cada vez mais se torna indispensável o desenvolvimento de um olhar positivo e sensível ao significado histórico, cultural, artístico, paisagístico dos cemitérios, inclusive pelas administrações públicas e pelos órgãos de proteção ao patrimônio. Como reflete Elisiana Trilha Castro, os inimigos dos acervos funerários “são a triste memória daquilo que pouco estamos dispostos a lembrar” (CASTRO, 2013, p. 12). Relativo a este aspecto, ainda é grande o desafio no intuito do reconhecimento do valor documental e patrimonial dos cemitérios no Recôncavo da Bahia.

THE HERITAGE CEMETERY OF CACHOEIRA CITY, RECÔNCAVO DA BAHIA

Abstract: the purpose of this paper is to support the importance of the old cemeteries in the historical city of Cachoeira, Recôncavo da Bahia as repositories of collective memories and sites of heritage values. In this study we analyze the cemeteries of Piedade, Alemães, Ordem Terceira do Carmo and Nagôs from a heritage perspective.

Keywords: Cemetery. Heritage. Recôncavo.

Notas

- 1 Sessão de 25 de Março de 1866. Livro 36 - anos 1861 a 1869. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.
- 2 Sessão de 8 de Abril de 1866. Livro 36 - anos 1861 a 1869. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.
- 3 Sessão de 15 de Abril de 1866. Livro 36 - anos 1861 a 1869. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.
- 4 Jornal A Pátria. Ano II. Número 6. Quinta-feira, 22 de janeiro de 1892. Arquivo Municipal de São Félix.

Referências

———. Arte e Sociedade nos Cemitérios Brasileiros. Revista Brasileira de Cultura. Ano V, n. 15, p. 9-16, jan/mar. 1973.

ANDRADE, A. B. Memórias urbanas da rede e núcleos setecentistas do Recôncavo Baiano. In: Anais do XII Simpósio Nacional de Geografia Urbana. Belo Horizonte, p.1 - 20, 2011.

BAHIA. Secretaria da Indústria, Comércio e Turismo. IPAC - Inventário de Proteção do Acervo Cultural da Bahia, Volume III: Monumentos e Sítios do Recôncavo, II Parte. Salvador: Secretaria da Cultura e Turismo do Estado da Bahia, 1978.

BARBOSA, G. C. Fontes iconográficas históricas de Cachoeira e São Félix: pesquisa documental. Monografia (Curso de Bacharelado em Museologia) – Centro de Artes, Humanidades e Letras, Universidade Federal do Recôncavo da Bahia, Cachoeira, 2011.

BORGES, M. E. ; SANTOS, A. R. dos; GOMES, L. T. S. Estudos Cemiteriais no Brasil: catálogo de livros, teses, dissertações e artigos. 1. ed. Goiânia: Cegraf, UFG, 2010. v. 01.

BROWN, A. Field Work for Archaeologists and Local Historians. London: Batsford, 1987.

CASTRO, E. T. Aqui jaz uma morte: atitudes fúnebres da empresa funerária da família Haas de Blumenau. Tese (Doutorado em História) – Centro de Filosofia

CASTRO, E. T. Hier ruht in Gott: Inventário de cemitérios de imigrantes alemães da região da Grande Florianópolis. Blumenau: Nova Letra, 2008.

CASTRO, E. T. Marcas da vida na hora da morte: identidade e memória por meio dos cemitérios e seus acervos. Blumenau em Cadernos, v. 51, p. 27-42, 2010.

COSTA, P. S. da. Campo Santo: personagens, arte e cultura. Salvador: Santa Casa de Misericórdia da Bahia, s/d.

e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2013.

FERNANDES, H. L. A. Mapeamento Arqueológico: Recôncavo Baiano. Cachoeira: Bahia Arqueológica; UFRB, 2010.

FERREIRA, J. P. (Coord.). Enciclopédia dos municípios brasileiros. Rio de Janeiro: Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, 1958. Volume XX.

FLEXOR, M. H. O. Igrejas e Conventos da Bahia. Brasília, DF: Iphan / Programa Monumenta, 2010.

FOTOGRAFIA do Cemitério da Ordem Terceira do Carmo, Cachoeira (BA). Arquivo Central do IPHAN, Seção do Rio de Janeiro.

ICOMOS-ISCS. Illustrated glossary on some deterioration patterns. Champigny: Ateliers 30, 2008.

JORNAL A PÁTRIA. Ano II. Número 6. Quinta-feira, 22 de janeiro de 1892. Arquivo Municipal de São Félix Dr. Júlio Ramos de Almeida.

LIMA, T. A. Dos morcegos e caveiras e cruzeiros e livros: a representação da morte nos cemitérios cariocas do século XIX (estudo de identidade e mobilidades sociais). In: Anais do Museu Paulista: História e cultura material. São Paulo, v. 2, n. 1, p. 87 - 150, 1994.

LIVRO 36 - anos 1861 a 1869. Arquivo da Santa Casa de Misericórdia de Cachoeira.

MENDES, C. de M. Práticas e representações artísticas nos cemitérios do Convento de São Francisco e Venerável Ordem Terceira do Carmo: Salvador, século XIX (1850-1920). Dissertação (Mestrado em Artes Visuais) – Escola de Belas Artes, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2007.

REZENDE, E. C. M. Cemitérios. 1ª Ed. São Paulo: Editora Necrópolis, 2007. Coleção Espaços Mal Vistos.

RODRIGUES, C. Lugares dos mortos na cidade dos vivos: tradições e transformações fúnebres no Rio de Janeiro. Rio de Janeiro: Secretaria Municipal de Cultura, Departamento Geral de Documentação e Informação Cultural, Divisão de Editoração, 1997.

RODRIGUES, M. da P. de J. Caminhos da preservação: políticas, patrimônio material e reflexos nas dinâmicas social e urbana de Cachoeira – BA. Dissertação (Mestrado em Cultura, Memória e Desenvolvimento Regional) – Universidade do Estado da Bahia, Santo Antônio de Jesus, 2010.

SILVA, P. C. Datas e Tradições Cachoeiranas. Cachoeira, 1938.

SOUZA, A. L. de. Belém da Cachoeira. Separata da Revista do Instituto Geográfico e Histórico da Bahia, nº 85, anos 1972-75.

VALLADARES, C. do P. *Arte e sociedade nos cemitérios brasileiros*. Um estudo da arte cemiterial ocorrida no Brasil desde as sepulturas de igrejas e as catacumbas de ordens e confrarias até as necrópoles secularizadas. Rio de Janeiro: Conselho Federal de Cultura, 1972. 2 vol.

VELÁSQUEZ PARRA, C. C.; MERCADO LIMONES, C. A.; SERNA CERRILLO, L. de L. La ruta iberoamericana de cementerios patrimoniales. Un viaje ineludible por Iberoamérica y el Caribe. Organização de Patrícia Uribe A. [et al]. Anais do Encontro Iberoamericano de Valorización y Gestión de Cementerios Patrimoniales e Encontro da Associação Brasileira de Estudos Cemiteriais, de 11 a 15 de outubro de 2011, Salvador, Brasil [recurso eletrônico] / Goiânia: FAV/UFG; FUNAPE, p. 78-85, 2011.